

O Perfil dos Brasileiros em Nova York (1994-2014)

Brazilians' Profile in New York (1994-2014)

Marina Tomassini Panossoⁱ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo se refere a uma revisita etnográfica realizada no campo previamente estudado por Maxine Margolis, antropóloga americana que conduziu uma pesquisa pioneira sobre brasileiros em Nova York na década de 1990. Foram realizadas sessenta entrevistas com brasileiros em quatro regiões da área metropolitana de Nova York. Os resultados apresentados aqui se referem à caracterização desses brasileiros, buscando identificar as principais transformações em relação ao seu perfil, onde vivem e a forma como as comunidades se localizam na cidade a partir de algumas características de classe, nível educacional, região de origem e tempo de migração.

Palavras-chave: Migração; Revisita Etnográfica; Imigrantes Brasileiros.

Abstract: This article is about an ethnographic revisit conducted in the field previously studied by Maxine Margolis, an American anthropologist who has conducted a pioneering research on Brazilians in New York in the 1990s. Sixty interviews with Brazilians were made in four regions of the New York metropolitan area. The results presented here are related to the characterization of these Brazilians and the identification of their profile changes, places where they live, and the way communities are located in the city based on class characteristics, educational level, origin and time of migration.

Keywords: Migration; Ethnographic Revisit; Brazilian Immigrants.

Introdução

Quando a antropóloga americana Maxine Margolis se propôs a estudar o grupo de brasileiros na cidade de Nova York no final da década de 1980, pouco se sabia sobre essa comunidade. Uma das principais características encontradas se referia exatamente à sua invisibilidade: não apareciam no censo, eram confundidos com a grande massa de hispânicos e, ainda, tinham um forte traço de desunião e desengajamento. As descobertas de sua pesquisa foram publicadas no livro *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York* (1994), em que se dedicou a descrever detalhadamente a vida dos brasileiros na cidade. Considerando esse estudo um marco na compreensão do deslocamento de

ⁱ Doutorado pelo Departamento de Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos. marina-tomassini@gmail.com

brasileiros para os Estados Unidos, a pesquisa foi pensada através da proposta metodológica do sociólogo britânico Michael Burawoy (2003) de uma revisita etnográfica focalizada, que é quando um pesquisador retorna a um campo estudado anteriormente, por si mesmo ou outra pessoa, na tentativa de compreender e explicar a diferença no tempo. A pesquisa se efetivou em 2013 através do *Institute of Latin American Studies* (ILAS) da *Columbia University*, com a supervisão de Margolis. Durante quatro meses, foram realizadas entrevistas com sessenta brasileiros que decidiram viver em Nova York. As entrevistas ocorreram através da técnica não aleatória da bola de neve, em que uma informante apresentou outras pessoas e assim, sucessivamente. Foram entrevistadas, também, pessoas em lojas brasileiras, restaurantes, salões de beleza, igrejas e ONGs. O trabalho de campo foi focado em quatro regiões principais da área metropolitana nova-iorquina. Foram consultados, ainda, diversos jornais, blogs, sites e canais no YouTube feitos por brasileiros que vivem nos Estados Unidos para brasileiros que pensam em morar no país¹.

A pesquisa teve como objetivo analisar as principais permanências e mudanças na vida dos brasileiros, na estruturação das redes e na própria experiência migrante, partindo da hipótese de que acontecimentos como os ataques de 11 de setembro, a crise financeira internacional e o crescimento econômico brasileiro afetaram direta e indiretamente esta população. Essas transformações, no entanto, não deixam de estar inseridas também no próprio contexto de transitoriedade e instabilidade do tempo presente, marcados pelo processo emancipatório de individualização e pelo paradoxo atual da mobilidade que se define por fronteiras *fechadas x fluidas*, ou seja, entre políticas migratórias cada vez mais restritivas de um lado, e um intenso fluxo de capital, dinheiro, bens, serviços, pessoas, informação, tecnologias, políticas, ideias, imagens e regulações que transcendem o Estado-nação e dissolvem suas fronteiras, de outro (SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014).

Os tópicos apresentados neste artigo foram pensados através de um quadro teórico formulado com base no trabalho realizado por Margolis e se referem à caracterização desses brasileiros, buscando identificar as principais transformações em relação ao seu perfil (classe, nível de escolaridade, gênero, idade, tempo de migração), onde vivem e a forma como as comunidades se localizam na cidade. O material empírico da pesquisa dialoga com o conjunto de pesquisas institucionais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Ministério das Relações Exterior – MRE, American Community Survey, International Organization for Migration – IOM, Migration Policy Institute – MPI, Pew Research Center, entre outros), e, ainda, com algumas etnografias e pesquisas acadêmicas realizadas com brasileiros no exterior. Através desse percurso, podemos verificar determinados padrões que nos permitem apontar tendências da migração brasileira e analisar o fenômeno migratório contemporâneo no sentido mais amplo.

Onde Vivem

“O mundo todo quer estar aqui, o mundo todo está aqui”, me disse um cabelereiro que já está há nove anos em Nova York, referindo-se à imagem fetichizada e glamorizada da cidade e suas centenas de milhares de imigrantes. Essa imagem, reproduzida e propagada globalmente há décadas, tem atraído milhões de turistas anualmente e os brasileiros estavam, até bem pouco tempo, no topo da lista. Em 2013, quase 900 mil

brasileiros visitaram a cidade, um recorde. O Brasil perdeu apenas para o Reino Unido e para o Canadá entre os países que mais enviaram turistas para Nova York (RICKER e VILA-GOULDING, 2013; MANTOVANI, 2014).

No entanto, sabemos que parte desses turistas foi e não voltou mais. E é assim que a comunidade brasileira na cidade vem ganhando grande parte de seus novos integrantes a cada ano, em busca do famoso sonho americano: “Eles chegam tão iludidos, achando tudo lindo, pensando que vai ser fácil. Mas eu não falo nada, não sou eu que vou ficar desanimando. Logo, eles descobrem a realidade”, conta uma brasileira sobre os recém-chegados à cidade. Nem tudo é mesmo tão encantador como parece. De acordo com o relatório anual da ONG *Coalition for the Homeless* de 2016, a população de sem-teto de Nova York cresceu cerca de 86% em dez anos e chega ao seu recorde. Apesar da recuperação econômica e diminuição do desemprego, o abismo social cresce na cidade. No final de 2015, foi registrado uma média de 58 mil pessoas dormindo nos abrigos públicos por noite, quase metade eram crianças. Uma situação como essa só ocorreu durante a Grande Depressão de 1929 (MARS, 2016). Segundo uma reportagem do jornal *El País*, de janeiro de 2016, o aluguel de um apartamento de dois quartos em Manhattan que custava em média 2.399 dólares por mês em outubro de 2009, chegou a 4.058 dólares um ano depois. Os salários não acompanharam. Dados do Instituto de Política Fiscal mostram que enquanto o faturamento dos negócios no estado de Nova York subiu 61% entre 2001 e 2013, a renda dos trabalhadores cresceu metade disso e é insuficiente para cobrir a inflação. Entre 2009 e 2012, a renda do 1% da população mais rica do estado aumentou 32%, enquanto os 99% restantes mal viram seus salários subirem 1%. Um dos anúncios do portal *Oportunidades de Moradia* mostra que uma pessoa interessada em se candidatar a uma kitchenette no Bronx que custa 867 dólares por mês, construída em um programa voltado à população de “baixa renda”, precisa comprovar um salário anual entre 31.098 e 36.300 dólares. Os moradores da cidade que possuem empregos que exigem baixa qualificação, entre eles milhares de imigrantes, não ganham nem perto disso e estão tendo que se deslocar para lugares cada vez mais distantes. Infelizmente, os brasileiros não estão somente entre os ávidos consumidores que visitam Nova York diariamente, mas também acompanham negros e imigrantes de diversos lugares do mundo que vêm perdendo espaço na cidade, morando cada vez mais longe do grande centro, apinhando-se em pequenos apartamentos ou *basements*, e até dormindo na rua ou em abrigos da cidade. Em duas décadas, a população brasileira cresceu consideravelmente na região de Nova York e teve que se reorganizar e se localizar conforme seus recursos e redes migratórias, diante das dificuldades resultantes da crise econômica que afetou seriamente o mercado de trabalho e imobiliário dos Estados Unidos em 2008.

O título do livro de Margolis que sintetiza sua pesquisa sobre brasileiros em Nova York leva o nome de uma rua em Manhattan onde ficava a maior concentração do comércio brasileiro na cidade: *Little Brazil*. Essa rua atravessa um dos pontos mais famosos de Manhattan, a Times Square, e ao longo do quarteirão concentravam-se restaurantes, lojas e agências de viagem brasileiras. Entre os brasileiros que moravam em Manhattan, haviam aqueles que optavam por áreas mais nobres como o Greenwich Village, principalmente artistas, escritores e músicos, enquanto aqueles que trabalhavam em subempregos moravam no Harlem espanhol e no Upper West Side, em prédios de

apartamentos baratos e superpovoados. Alguns outros moravam no Brooklyn, Bronx e Staten Island, mas não havia concentrações de brasileiros significativas nessas áreas. Mas, desde que uma quantidade maior de pessoas passou a escolher Nova York para viver, já foram se localizando em regiões que estavam sendo tomadas por outros grupos de imigrantes. Muitos se agruparam em algumas regiões do Queens. Desde aquela época, já havia concentrações em Long Island City, Jackson Heights e principalmente em Astoria, onde havia um aglomerado de lojas de varejo de propriedade de brasileiros. Assim como os brasileiros, a maioria dos imigrantes recém-chegados a Nova York se direcionava para lá, onde convivia com grupos de diversas nacionalidades, como gregos, italianos e hispânicos.

Outras cidades e locais ao longo de toda área metropolitana da Grande Nova York também começaram a receber brasileiros. Os brasileiros que estavam se direcionando para a região de Newark, no estado vizinho de Nova Jersey (mas a apenas meia hora de trem de Manhattan), também viviam em apartamentos pequenos e lotados. Em Newark, já havia até um jornal local semanal para brasileiros na época. Como esta era uma região já habitada por portugueses, muitos brasileiros chegavam para trabalhar em seus negócios, principalmente no ramo da construção e demolição. Grande parte dos moradores dessa região vinha de Governador Valadares, cidade famosa de Minas Gerais, por ter uns dos principais fluxos entre Brasil e Estados Unidos e, também, do estado do Paraná. Hoje, essa população ampliou e se diversificou, como veremos a seguir.

Manhattan

A primeira coisa que fiz quando cheguei em Nova York foi pegar um metrô e ir até a *Little Brazil*. Ao procurar pela rua buscava por uma espécie de “Chinatown” brasileira, ou seja, uma rua tomada por um comércio bem estereotipado verde e amarelo, cheio de referências “tropicais” como “feijoada, samba, mulata e futebol”. Mas, para minha surpresa, a *Little Brazil* possuía um tom bem acinzentado, composto por uma mistura de restaurantes japoneses e mexicanos, pubs irlandeses, lojas de acupuntura chinesa, lanchonetes e bancos americanos. Havia apenas três churrascarias brasileiras e uma loja de roupas no segundo andar de um prédio. Sueli Schimitt, uma brasileira que tem um blog sobre dicas de Nova York, parece ter tido uma impressão semelhante:

Fui pessoalmente essa semana até a rua 46 mostrar a decadência do que poderia ser uma rua sobre o país mais lindo do mundo, o Brasil! A rua 46 é uma rua de comércio, restaurantes e loja normal, com apenas três restaurantes brasileiros. A apenas uma quadra do consulado brasileiro, nada é feito pela rua que leva o nome de *Little Brazil*. Falta uma boa loja, falta uma padaria, falta um bom supermercado, falta ali uma decoração mais brasileira... falta espírito, empenho e interesse².

Não são muitos, também, os brasileiros que moram atualmente em Manhattan. Os brasileiros em Nova York estão inseridos no processo de gentrificação, com supervalorização dos principais centros urbanos e expulsão das grandes massas para periferia³.

Durante o trabalho de campo, observei que os brasileiros que moram em Manhattan atualmente são, em sua maioria, documentados, com alto nível de educação e qualificação profissional, com inglês bom ou fluente. Todos os entrevistados estavam em Manhattan há muitos anos (o que estava há menos tempo tinha chegado há sete anos e o que estava há mais tempo já vivia na cidade há 28 anos) e já estavam integrados à sociedade americana. Todos não só visitam com frequência o Brasil como praticamente todos viajam também para outros lugares do mundo. Dois deles eram típicos imigrantes transnacionais, que passavam alguns meses no Brasil e outros em Nova York. Apesar de terem contato e amizades com pessoas do Brasil, evitam frequentar espaços de socialização da comunidade brasileira. Cristiana era uma dessas brasileiras que está nos Estados Unidos há 12 anos. Filha de uma funcionária do Itamaraty, já chegou aos Estados Unidos com uma estrutura toda organizada e logo começou a cursar uma faculdade de arte em Boston, onde morou anteriormente (*Massachusetts of Art and Design School*):

Eu tive pouco contato com a comunidade brasileira. Eu conhecia gente que conhecia brasileiros que tinham entrado pelo México. Por exemplo, quando eu trabalhava no museu tinha um brasileiro que trabalhava no café e ele morou com dois brasileiros que, segundo ele, não usavam geladeira pra guardar comida. Gente que veio da roça, roça mesmo, sabe? Mas a minha atitude aqui foi de conhecer americano e não brasileiro. Eu falei, brasileiros eu vejo no Brasil.

Os brasileiros que moram em Manhattan geralmente compartilham essa postura, uma certa rejeição e preconceito em relação à comunidade brasileira. Ainda existem brasileiros morando em Manhattan que trabalham em subempregos e conseguem dividir apartamento e morar em regiões mais baratas, mas são poucos. Para as pessoas que gostariam de morar em Manhattan, Astoria acabou se tornando uma opção bem interessante, pois fica a apenas 20 minutos de metrô do centro de Nova York. Oito entrevistados que já tinham morado em Manhattan moram hoje em Astoria.

Astoria

Astoria é um bairro que apesar de ter muito brasileiro e um comércio voltado para seu público tem ainda muitos imigrantes de outras nacionalidades. É uma grande mistura. Portanto, a presença do brasileiro é notada, mas não dominante. Pode-se viver em Astoria e comer comida brasileira todos os dias em restaurantes self-services baratos; comprar pão de queijo, queijo minas e guaraná Antártica em lojas especializadas de produtos brasileiros; ou fazer a unha e o cabelo em um salão só com funcionários do Brasil. De acordo com Margolis (2013), por volta de 2010 já havia pelo menos 16 restaurantes de culinária brasileira, uma padaria, seis lojas de produtos alimentícios do Brasil, dois salões de beleza brasileiros, agência de remessas de valores de propriedade de brasileiros, companhias de carros de aluguel com motoristas e oficinas automecânicas e várias butiques e lojas de moda e presentes brasileiros. Durante o trabalho de campo, frequentei muitos desses espaços e pude entrevistar proprietários dos comércios, funcionários e clientes. Fui tomar um cafezinho com pão de queijo em

suas casas diversas vezes, comi feijoada vendo Faustão no domingo e até comi uma deliciosa rabada preparada por senhora brasileira que já estava nos Estados Unidos há quase trinta anos. Os brasileiros em Astoria conseguem aproximar seu estilo de vida aos costumes brasileiros.

A comunidade brasileira em Astoria não está isolada. A maioria é documentada, fala inglês, frequenta pouco a igreja e eventos religiosos, costuma ir com mais frequência para Manhattan e se relaciona com outras nacionalidades e com a sociedade americana. Mas também entrevistei pessoas que estavam há muitos anos em Nova York e ainda não falavam bem inglês e só conviviam com brasileiros ou latinos. Este perfil é facilmente encontrado em estabelecimentos brasileiros como nos salões de beleza, cafés e restaurantes. Os brasileiros nessa região são mais desunidos e voltados para o trabalho: “Aqui a gente dorme carregando pedra, por isso não sobra tempo para ver ninguém”, me conta um motorista. Mas, mesmo que a grande maioria trabalhe em subempregos, tem uma situação econômica mais estável. Existem também muitos estudantes brasileiros em Astoria. Desde aqueles que querem estudar inglês, até aqueles que estão fazendo pós-graduação. A opção de um bairro mais barato e próximo de Manhattan acaba sendo bastante atrativa. Por essa mesma razão, tornou-se a moradia de muitos brasileiros recém-chegados que entram com visto de turista e pretendem permanecer, mas que não fazem parte de uma ampla rede de migração como nos casos de outras comunidades.

A ONG Cidadão Global, localizada na região, possui ações que são mais “sofisticadas” do que as organizações de outras regiões. Seus programas são voltados para o empoderamento econômico, programas de desenvolvimento de liderança, organização de base comunitária, programa de assistência jurídica, preservação cultural e programa de integração, mobilização social e acesso linguístico. Ou seja, existe uma preocupação em promover a visibilidade dos brasileiros, seus direitos e inserção na sociedade americana, enquanto em outras regiões os programas são mais assistenciais, como em Newark e Mount Vernon.

Newark

“Se existe um ‘Braziliantown’ ele está em Newark”, me conta uma psicóloga que atende brasileiros na ONG Mantena. De acordo com o jornal local, existem hoje cerca de 20 mil brasileiros na cidade que fica em Nova Jersey (CANÔNICO, 2010). Apesar da comunidade brasileira ser notável na cidade, ela ainda divide seus espaços com uma comunidade portuguesa estabelecida na região há mais tempo. Um entrevistado conta que os brasileiros que “invadiram” essa área, ao contrário de outros lugares nos Estados Unidos, não eram de Minas, mas paraenses, que hoje praticamente dominam a mão de obra operária de manutenção de pontes na região (um serviço perigoso, porque se trabalha em alturas fantásticas e com risco de vida muito grande, mas paga-se muito bem aos operários): “a turma ganha muito, contudo trabalha muito também”. No entanto, nos últimos dez anos houve uma invasão mais generalizada de brasileiros de diferentes estados do Brasil, incluindo os mineiros e paraenses. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro também têm seus representantes, mas não chegam perto dos outros três citados anteriormente. No bairro, pouco se ouve inglês. Os brasileiros compartilham os espaços

com portugueses e hispânicos. Segundo um entrevistado, “na ‘hierarquia ilegal’ da cidade, os portugueses são os patrões, e os brasileiros, empregados”.

Uma das vantagens descritas por alguns entrevistados é que na área do Ironbound existe um centro comercial muito próximo, o que dispensa o uso de transporte público ou carro. No bairro, tem até um Boticário, diversos mercados onde são vendidos produtos brasileiros, lojas de roupas brasileiras como a Tutti Frutti e a Total Brazil. Existem três churrascarias, Brasília Grill, Casa Nova Grill e Boi na Brasa, além de lojas de comidas típicas como a Delícia de Minas e a pizzaria Brazilian Pizza. Kecia, uma brasileira que criou um canal no YouTube com vídeos sobre sua rotina (prática cada vez mais comum), acha que Newark é um lugar ideal para chegar e começar a vida nos Estados Unidos, porque não é necessário falar inglês. Em sua fala, é como se os Estados Unidos ainda fosse algo exterior, “fora dali”:

Newark é bom pra você chegar, ser acolhido, aprender o básico. Depois que você criar asas, é melhor sair. Eu ainda não posso, então, estou onde meu bolso alcança. Não adianta a gente querer ter uma vida lá fora que a gente não conhece, que a gente não tem condição de manter. O que você não pode fazer é chegar em Newark, se instalar e morrer. De jeito nenhum! Procura evoluir! [...] Eu brinco com um amigo meu que aqui é uma favela ambulante. O povo aqui não respeita. Por ter só imigrante... só, não! Mas, por ter muito imigrante, as leis americanas aqui não funcionam muito. Por exemplo: tem buraco na rua, tem lixo no chão. Você para pra poder atravessar na faixa de pedestre e se o carro estiver vindo, passa por cima de você mesmo, não está nem aí! Aí, quando você vai pra Massachusetts, quando você vai pra Pensilvânia, você vê que as leis americanas se aplicam. Então, aqui, infelizmente, a nossa raça não nega. É um povo que fala alto, não respeita o meio ambiente, é uma buzinação do caramba no trânsito, é muita briga, muito barraco mesmo. O seguro de carro aqui, por exemplo, é um dos mais caros. Por conta da questão da segurança. Aqui, é claro, não é o melhor lugar do mundo, não é totalmente seguro. Mas ainda assim é melhor do que o Brasil. Eu ando com um Iphone tranquila, ando com uma roupa tranquila, os nossos carros dormem na rua... Então, acontece. A gente ouve falar sim. O fulano foi roubado. A gente vê no jornal, televisão, coisas do tipo, mas não gente próxima. Pelo menos nós, as pessoas que eu conheço, a gente não tem nenhum conhecido que passou por algum problema. É claro, também, que você não vai andar perto dos projetos, que são tipo uma periferia, uma favela. Só pro pessoal de baixa renda. Tem gente do bem, tem gente do mal... Enfim, tem de tudo!

A comunidade brasileira de Newark vive isolada. Uma psicóloga conta que muitas pessoas não vão nem para Manhattan, principalmente as mais velhas (pois os mais jovens acabam falando inglês, porque vão para a *High School* quando chegam), que vêm com o propósito de trabalhar e juntar dinheiro e não se interessam em conhecer a cultura e aprender inglês. Então, acabam ficando ali, como numa área protegida, um porto seguro. Segundo ela, até no Mc Donald's tem gente que fala português. E quando não tem ninguém que fale português, tem alguém que fala espanhol, e eles acabam se

virando. Então, essa população se tiver que aprender alguma outra língua, aprende o espanhol. Outra entrevistada conta que pessoas que não falam português ou espanhol ali na região tem até mais dificuldade de arrumar emprego. Atualmente, Solange, diretora da ONG Mantena, exerce uma espécie de liderança na região. Desde a fundação do projeto em 2004 até hoje a ONG foi se destacando na região e, segundo seus relatos, quando os brasileiros têm algum problema sério acabam se referindo a ela. Solange não está regularizada e já faz sete anos que ela não visita o Brasil. Como vive envolvida diariamente com os brasileiros, fala inglês muito mal. Segundo ela, a maioria da população de Newark também é indocumentada e não fala inglês (possivelmente, esse *status* compartilhado com outros brasileiros, crie uma relação de empatia com a comunidade). As pessoas a procuram nas mais diversas situações: quando um marido alcoólatra bate na mulher, quando alguém é preso, quando alguém é enganado por um advogado... E, como ela mesmo diz, toda a ajuda só é possível porque o povo de Newark é extremamente solidário. Todo o trabalho da ONG é feito através de voluntários. Solange conta que as pessoas por lá são muito carentes, mal informadas e precisam de ajuda até para preencher um formulário. Ela dá como exemplo o curso preparatório para a prova americana de cidadania. Geralmente, eles decoram só as respostas e quando os funcionários tentam dialogar, eles não passam. Mas para ela a condição de vida dos brasileiros em Newark é razoável. Tem muita gente morando junto, às vezes, quatro, cinco pessoas. Mas cada um tem o seu quarto. Já ligaram para ela para falar de uma moça que morava em um *basement* com duas crianças e tinha muita barata. Segundo ela, cerca de 70% da população brasileira ali é indocumentada. Mas existe gente também nos dois extremos. Enquanto alguns brasileiros estão ganhando muito bem, tem gente agora dormindo na estação e nos abrigos. Frequentei casas de três famílias de brasileiros indocumentados em que só o marido trabalhava na construção e as esposas apenas cuidavam dos filhos e, no entanto, moravam em casas muito amplas, com área externa e tinham dois carros. Ou seja, me parece que aqueles que chegaram há algum tempo conseguiram se estabelecer no mercado de trabalho e manter uma qualidade de vida muito boa.

Mount Vernon

Mount Vernon é uma cidade que fica ao norte da cidade de Nova York, no condado de Westchester e é considerada “cidade-irmã” de Poços de Caldas desde 2005, devido ao grande número de brasileiros dessa região do Brasil. Um dos entrevistados me conta que quando chegou ficou muito surpreso e parecia até “prefeito, porque acenava para todo mundo”. Ele não imaginava que havia tanta gente conhecida de sua cidade. Existe hoje na cidade uma rotatória igual a de Poços de Caldas e o prefeito de Mount Vernon, Ernest D. Davis, chegou a ir para o Brasil para visitar a cidade mineira. De acordo com o Consulado Brasileiro, os brasileiros constituem hoje cerca de 10% dos 72 mil residentes de Mount Vernon – cerca de dois terços dos brasileiros da região são de Poços de Caldas (SANTOS, 2006). A prefeitura chegou até a contratar, recentemente, um policial que fala português fluente. Na cidade, você também pode encontrar lojas, salões de beleza e restaurantes que servem a população local, concentrados na Gramtha Avenue, apelidada pelos poços-caldenses de rua Assis Figueiredo.

Um brasileiro que chegou na cidade em 1996, Ricardo Braxtor, também exerceu um papel semelhante ao de Solange em Newark e acabou fundando um centro brasileiro de apoio para os imigrantes brasileiros que iam chegando na cidade. A diferença é que Ricardo já estava há muitos anos nos Estados Unidos e por essa razão acabou se tornando uma pessoa de referência para todos os tipos de pergunta: como comprar um bom carro? Onde comprar alimentos mais baratos? Você conhece algum advogado? Perguntavam-lhe sobre casamento, passaportes, vistos, traduções... E assim, ele acabou inaugurando o *Brazilian Civic Center* em 2002, que durante seis anos oferecia programas e serviços para ajudar os brasileiros no processo de adaptação ao país americano. No entanto, após a crise de 2008 sua organização ficou ameaçada. Quase todos os seus programas foram cortados desde que a instabilidade econômica levou o Departamento Estadual de Educação de Nova York a rever seus orçamentos e, conseqüentemente, deixou de financiar o seu programa “inglês como uma segunda língua”. Com a ajuda de apenas um empregado, seu centro serve hoje apenas como uma estação de processos de documentação do consulado brasileiro. Ricardo conta que mal podia pagar o aluguel e a conta de luz, e, por isso, foi obrigado a acabar com as aulas de inglês (ROMAN, 2010). Portanto, assim como na Mantena Global Care, o *Brazilian Civic Center* funcionava como uma ponte entre a comunidade brasileira de Mount Vernon e o consulado. Aqui também haviam voluntários que se ofereciam para serviços como de traduções de questões criminais que afetavam a comunidade brasileira para oficiais da polícia ou da corte que não falavam português. Rogério, um brasileiro que já estava nos Estados Unidos desde 2004, disse que, em Mount Vernon, 99% das pessoas entraram pelo México. Da sua família vieram três. Primeiro seu irmão, depois ele, e por último sua irmã mais nova. Eles não queriam muito que ela passasse pela travessia, por contas dos relatos de abuso sexual, mas ela não passou por nada grave. Ele conta que agora a comunidade está pequena e muita gente voltou para o Brasil. Ele reclama dessa situação, porque acaba se aproximando de muitas pessoas e depois elas vão embora e nunca mais as vê. Mas como as pessoas deixam, muitas vezes, esposa e filhos em suas cidades, têm que voltar. Rogério conhece pessoas que voltam para salvar seu casamento.

Fica claro, portanto, que existem estilos e padrões de vida bastante distintos entre os brasileiros na região metropolitana de Nova York. Há vinte anos atrás, já se podia perceber que o fato de os brasileiros serem estrangeiros numa terra estranha não anulava as diferenças econômicas e sociais existentes entre eles no Brasil (MARGOLIS, 1994:48). Ou seja, a etnicidade não era capaz de contrabalancear a divisão de classes sociais no âmbito da comunidade expatriada. Com o crescimento da população brasileira, este mesmo cenário só ampliou e se fortaleceu. Prevalece a divisão e hostilidade entre grupos, separados geograficamente. A participação em um ou outro grupo ocorre, geralmente, desde o momento em que o imigrante chega na cidade, através de sua rede migratória e motivação inicial. A localização afeta diretamente a experiência migrante como um todo, desde seu sentido prático (na busca de moradia e emprego, por exemplo), como no sentido fenomenológico (no processo de estranhamento, adaptação e reterritorialização). A seguir, veremos como as disparidades entre as regiões se exemplificam nos dados específicos sobre as caracterizações da migração brasileira.

Quantos e Quem São

Não é fácil calcular o número de brasileiros que viviam nessas regiões. Margolis fez um apanhado de estimativas e as conclusões são de que haveria cerca de 300 a 600 mil brasileiros nos Estados Unidos no final da década de 1980. Já os dados atualizados sobre o número de brasileiros no exterior variam de uma fonte para outra e fica difícil definir hoje uma estimativa aproximada. Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) buscaram estimar o número de brasileiros no exterior. No entanto, a estimativa do MRE é muito mais alta do que a do Censo de 2010 realizado pelo IBGE. De acordo com o MRE, existem 3.105.922 de brasileiros no exterior (2013), e 1.315.000 brasileiros estariam nos Estados Unidos, enquanto os dados do Censo apontam para somente 491.243, sendo que 116 mil estariam nos Estados Unidos. É importante ressaltar que parte significativa dos fluxos migratórios internacionais do Brasil é constituída do que se convencionou chamar de ilegais ou clandestinos, o que impossibilita que se conheçam números verdadeiros por meios de registros consulares (concessão de vistos de residência) de brasileiros no exterior. Algumas estimativas apontam que cerca de 60% dos brasileiros vivendo nos Estados Unidos entraram irregularmente naquele país (FAZITO e SOARES, 2008).

De acordo com o censo de 2010, os brasileiros residentes no exterior estão em 193 países do mundo e o Estados Unidos lidera essa lista, com 23,8% do total – seguido por Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra (6,2%). Entre os que foram para os Estados Unidos, 20,1% eram de São Paulo; 43,2% de Minas Gerais; 16,6% do Paraná; 22,6% de Goiás e 30,6% do Rio de Janeiro.

Em cinquenta anos, a quantidade de imigrantes nos Estados Unidos quadruplicou. Hoje, o país recebe mais de um milhão de imigrantes a cada ano e é o país com o maior número de imigrantes no mundo. De acordo com o *Pew Research Center*, existem cerca de 42,2 milhões de imigrantes nos Estados Unidos, o que representa 13,2% da população. Mas o número de imigrantes não documentados tem se mantido estável, em cerca de 11,3 milhões depois de um crescimento avançado nas últimas duas décadas. Em Nova York, existem hoje cerca de 4,3 milhões de imigrantes, o que quer dizer que mais de um a cada cinco nova iorquinos é um imigrante nascido no exterior, de acordo com o censo americano. O número de imigrantes não documentados corresponde a cerca de 3,8% – ou 750 mil pessoas (LOPEZ e RADFORD, 2017).

As estatísticas oficiais sobre o número de brasileiros em cada localidade de Nova York são suspeitas. Talvez os contrastes mais gritantes a esse respeito sejam entre os dados oficiais do governo dos Estados Unidos e as estimativas populacionais dos consulados brasileiros fornecidos pelo Itamaraty (MARGOLIS, 2013). Conforme os dados no American Community Survey de 2014, os brasileiros correspondem a 0,8% da população dos Estados Unidos, ou seja, 331.454 pessoas, número que fica bem longe da realidade, por uma série de dificuldades que ocorrem durante a coleta de dados, tanto do lado da pesquisa (que ainda coloca os brasileiros entre latinos em geral) quanto pelo lado dos próprios brasileiros (quando não documentados, pois temem serem delatados para as autoridades). De acordo com o levantamento do American Community Survey existem cerca de 63.433 brasileiros no estado de Nova York, enquanto o consulado prevê 300 mil. Os distritos con-

sulares costumam englobar mais de uma cidade, como o distrito consular de Nova York, por exemplo, que inclui a área metropolitana, contando com Newark e Nova Jersey. “Ou seja, enquanto na visão do Brasil os Estados Unidos são, com certeza, o maior foco de migração, do ponto de vista norte-americano a imigração brasileira é bem insignificante” (MARGOLIS, 2013:103). De acordo com a ONG Brazil Information Center (BIC), localizada em Washington D.C., a população brasileira no país ultrapassa um milhão de pessoas. Estima-se, ainda, que pelo menos 300 mil vivem na área de Nova York, Nova Jersey e Connecticut. Somente no Queens, viveriam hoje mais de 100 mil brasileiros.

A maioria dos brasileiros (algo em torno de 70%) está concentrada nos estados de Nova York, Nova Jersey, Massachusetts, Connecticut, Flórida e Califórnia. E embora a região de Nova York seja a maior delas, o Brasil não está entre os primeiros 30 países de estrangeiros naquela cidade (foram registrados menos de 20 mil brasileiros pelo censo americano). Mesmo no Queens, onde certamente há a maior concentração de Nova York, o Brasil não aparece na lista dos 20 primeiros países de onde vinham os estrangeiros da região (menos de 16 mil brasileiros foram computados). Em Astoria, onde fica a maior colônia de brasileiros do Queens, calculou-se que eles representavam menos de 4% dos estrangeiros. As regiões onde há uma quantidade significativa de brasileiros geralmente são visitadas pelo “consulado itinerante”, quando funcionários consulares vão até as regiões menores para prestar seus serviços. Atualmente, o consulado de Nova York supervisiona os consulados itinerantes em Mineola (em Long Island), Mount Vernon e Port Chester (no condado de Westchester ao norte da cidade), Schenectady (no extremo norte do estado de Nova York) em Newark e Long Branch (Nova Jersey), Filadélfia e Pittsburgh (na Pensilvânia).

Fica claro, portanto, que nos últimos vinte anos houve um aumento significativo da população brasileira na região metropolitana de Nova York. Embora o crescimento das comunidades pareça claro, ainda é difícil ter informações mais consistentes sobre a quantidade de brasileiros, persistindo, assim, a invisibilidade e negação da população brasileira como parte importante entre as comunidades imigrantes dos Estados Unidos, principalmente de Nova York.

Nível de Escolaridade e Classe Social

Um dos traços mais marcantes sobre a caracterização dos brasileiros em Nova York (assim como nos Estados Unidos e no exterior de uma forma geral) se referia ao alto grau de escolarização, se comparado à média de outros grupos migrantes (principalmente latinos) e até com a população americana. Desde o início da migração para os Estados Unidos, os brasileiros foram se tornando parte de grupos de classe média de países em fase de industrialização que se tornavam importantes participantes das movimentações globais, em oposição ao estereótipo dos migrantes estrangeiros como pessoas que se afastavam de sua terra natal por conta da pobreza e falta de esperança. Estes eram brasileiros que, apesar da educação superior e aperfeiçoamento profissional, não encontravam empregos no Brasil, com salários que reconhecessem o investimento que haviam feito em sua carreira. Os imigrantes brasileiros eram predominantemente de classe média ou classe média baixa, com uma porcentagem bem menor de classe baixa, em oposição à maioria dos brasileiros em sua terra natal. Ainda, seu nível educacional era “extraordi-

nariamente" alto, segundo Margolis (1994): 46% haviam frequentado a universidade, e destes, 31% concluíram a graduação.

De acordo com o American Community Survey (2007-2009), 15% dos brasileiros natos residentes nos Estados Unidos não tinha completado o ensino médio, 31% tinha completado o ensino médio, as pessoas com nível superior incompleto e nível superior completo correspondiam a 21% cada um e finalmente haviam 11% que tinham feito pós-graduação stricto ou lato sensu. Lima (2009) registrou que, em 2007, 20% de todos os imigrantes nos Estados Unidos não tinham escola secundária completa, enquanto entre os brasileiros essa proporção era de somente 10%. Um terço dos brasileiros tinham diploma da escola secundária, comparado com um quarto de todos os imigrantes e 31% da população nativa. Os brasileiros também tinham uma proporção maior de pessoas com diploma universitário se comparados aos imigrantes em geral e à população nativa: 19% dos brasileiros tinham um diploma de graduação, comparado com 16% para todos os outros imigrantes e 18% para os nativos.

No entanto, com a crescente estabilidade econômica e valorização da moeda brasileira nos anos seguintes houve não só uma maior diversificação das regiões de origem, assim como das classes que se propunham a investir em um projeto migratório. Os últimos anos foram marcados por uma mudança no socioeconômico do brasileiro no exterior, com a presença em território americano de um número maior de brasileiros de classe média baixa e classe baixa, com níveis de educação inferiores. Mais brasileiros da classe trabalhadora de regiões rurais e pequenas cidades do Brasil estavam emigrando até 2013, período anterior à recente crise econômica e política brasileira. Muitos desses brasileiros acabaram encontrando empregos em Nova York não muito distintos dos que tinham no Brasil (COSTA, 2004). Como demonstramos acima, esse era o perfil predominante de regiões como Newark e Mount Vernon. Nessas localidades, observamos que os níveis de formação são, realmente, mais baixos. Entre os 33 entrevistados nessas duas regiões, apenas 15% das pessoas tinham completado a graduação, sendo que duas pessoas chegaram a entrar na universidade, mas não se formaram. Quarenta por cento das pessoas tinha completado o ensino médio e 33% o ensino fundamental. Duas pessoas não haviam terminado o ensino fundamental, pois trabalhavam em fazendas desde muito cedo. Em Astoria, entre os 20 entrevistados, 50% tinham terminado a graduação, 40% concluíram o ensino médio e 10% apenas o ensino fundamental. Em Manhattan, dos sete entrevistados somente um não era graduado, um artista plástico que cursou a escola até o ensino médio. Mas a migração brasileira para o Estados Unidos permanece ainda caracterizada por uma classe mais alta e mais educada do que a média da população brasileira, população de latinos e americanos.

Em relação à tendência descendente na escala social existe ainda o fato de que, com o passar do tempo, os custos da imigração caem porque cada emigrante adicional que se junta a um fluxo migratório torna mais provável que outros venham em seguida (PORTES, 1995). Ou seja, à medida que as redes sociais de migração amadurecem e se expandem, elas reduzem os custos pessoais e financeiros da migração, permitindo o surgimento de uma população migrante mais diversificada. Com a redução dos custos da migração e aumento dos lucros, as redes sociais ajudam a criar um perfil demográfico do imigrante que passa a refletir a população do lugar de origem. Muitos entrevistados pen-

sam o projeto migratório contando com a ajuda financeira de um familiar ou conhecido que já está no exterior e pagam quando começam a trabalhar.

Um brasileiro de Mount Vernon, por exemplo, disse que seu irmão o ajudou, porque os custos totais da emigração clandestina pelo México foram mais ou menos 27 mil reais (o custo do esquema era 6.500 dólares e o dólar estava muito caro). Mas ele conta que chegou com a roupa do corpo e dois dias depois já estava trabalhando. No Brasil, ele trabalhava numa fazenda e ganhava um salário mínimo. Assim que chegou, passou a fazer 90 dólares por dia na construção e o dólar estava a R\$3,50. Então, logo conseguiu pagar. E assim, logo depois ajudou a sua prima que estava no Brasil a ir para lá. Quanto mais membros da família ganham dinheiro no exterior, aumentam-se as somas arrecadadas de assistência financeira e informação disponíveis para migrantes em potencial (MASSEY et al., 1998). Portanto, para essas pessoas que foram incorporadas ao perfil socioeconômico do brasileiro na região metropolitana de Nova York, a migração pode representar uma mobilidade social ainda mais significativa do que para os imigrantes majoritariamente bem qualificados das décadas anteriores.

Gênero

No início da migração de brasileiros para Nova York, na década de 1960, 1970, os homens eram a grande maioria, mas logo as mulheres passaram a fazer parte do grupo e já no final da década de 1980, a proporção entre mulheres e homens era quase uniforme (46% e 54%). Essa diminuição da razão de sexo já era esperada, pois, nas primeiras fases das migrações internacionais há, geralmente, maior prevalência de homens, tendendo em seguida a um maior equilíbrio, principalmente por causa da reunificação de famílias. Nessa mesma época, as mulheres já representavam 52,3% dos imigrantes recém-chegados nos Estados Unidos e, em 1985, o jornal *New York Times* publicou um artigo intitulado “Homens são apenas um terço dos imigrantes nos Estados Unidos”, sugerindo que a quantidade de imigrantes entrando no mercado de trabalho seria menor devido ao crescimento de mulheres e crianças imigrantes que estavam chegando ao país através da reunificação familiar (DONATO e GABACCIA, 2016).

Cerca de uma década depois, os cientistas sociais Stephen Castles e Mark Miller divulgaram a ideia da feminização da migração como um padrão global em seu famoso livro *A Era da Migração* (2009). Nessa mesma época, quando alguns demógrafos brasileiros se empenharam em estimar o saldo migratório internacional do país chegaram à conclusão de que o Brasil, entre 1980 e 1990, teria experimentado uma perda líquida de aproximadamente 1,8 milhão de pessoas por meio dos fluxos internacionais: 1,05 milhão de homens e 750 mil mulheres (Carvalho; Campos, 2006). Já no censo brasileiro de 2010 podemos notar uma virada. Do total de brasileiros no exterior, 264.743 eram mulheres (53,8%) e 226.743 homens (46,1%). As mulheres representavam a maioria em todas as faixas etárias (IBGE, 2011). Em minha pesquisa havia mais mulheres do que homens (66% e 34%), no entanto, essa proporção também se deve às consequências do procedimento não aleatório da coleta de dados. Muitas brasileiras indicavam amigas que teriam mais tempo de responder porque passavam mais tempo em casa do que os homens.

Idade

Como a imigração brasileira em Nova York ainda era um fenômeno recente no final da década de 1980 e início da década de 1990, a maioria da população era jovem. No *corpus* de Margolis, cerca de 35% dos entrevistados tinham menos de 30 anos, outros 43% estavam na faixa dos “trinta e poucos”, 16% entre os 40 e 50 anos e apenas 5% tinham mais de 50 anos. Dois terços não tinham filhos e entre aqueles que tinham, uma proporção significativa deixou sua prole vivendo com parentes no Brasil.

Mas, atualmente, um dado comum a quase todos os estudos se refere ao fato da maioria dos brasileiros no exterior corresponder à população de 20 a 40 anos do país. De acordo com os dados do censo 2010, 60% dos brasileiros que decidem viver no exterior correspondem a pessoas de 20 a 34 anos. Do total de 491.243 emigrantes, 24.927 têm de 15 a 19 anos; 64.775 de 20 a 24 anos e 64.869 de 25 a 29 anos. Com base nesses resultados, o IBGE infere que a principal motivação pelo deslocamento de brasileiros ao exterior foi a busca de emprego de forma individual, em grande medida sem o acompanhamento de outros membros da família, uma vez que a faixa etária de 0-14 anos e o grupo da população idosa representam apenas 4,4% e 1,4%, respectivamente, do total (IBGE, 2011). Esses dados foram confirmados em minha pesquisa. A maioria dos entrevistados tinha entre 30 e 40 anos (37,5%), depois vinham as pessoas de 40 a 50 (25%). A população mais jovem, com menos de 30 anos, e aqueles com mais de 50 correspondiam a 18,7% cada. Desses, um pouco mais da metade tinham filhos (53%), sendo que entre esses entrevistados que tinham filhos, 39% estavam com eles nos Estados Unidos e o restante morava no Brasil ou outros países (havia um filho de uma brasileira que morava em Portugal e uma filha que morava na Argentina).

Tempo de Imigração

Quanto ao tempo médio de imigração, em 1990, mais da metade dos brasileiros (56%) pesquisados por Margolis vivia nos Estados Unidos há três anos ou menos, um terço estava de quatro a dez anos e apenas 12% estava há uma década ou mais. Este é, certamente, um dos dados que sofreu maior alteração, devido ao caráter recente da migração na época em que Margolis realizou sua pesquisa e ao prolongamento desse fluxo. Dentre meus entrevistados, 21,8% estava nos Estados Unidos há menos de três anos. Um quarto dos entrevistados já morava lá de quatro a dez anos, a maioria estava entre dez e vinte anos (34,3%) e 18,7% eram os brasileiros mais veteranos, que já estavam nos Estados Unidos há mais de vinte anos. Esse é um ponto que está relacionado não só com a ampliação e estabilização das redes e o crescimento da segunda geração, mas também é determinado por forças externas, como fatores econômicos e políticos.

Conclusão

A pesquisa nos mostra como a vida dos brasileiros que vivem em Nova York reflete a estrutura social em que estão inseridos, sendo afetados pela organização e dinâmicas da cidade que ainda enfrentava em 2013 os reflexos da crise financeira e imobiliária

de 2008, que se desdobraram em precarização do trabalho, desemprego e alta dos aluguéis. Morar em Nova York não é mais como antigamente. É mais difícil achar emprego, conseguir se regularizar e, mais ainda, economizar para mandar dinheiro para o Brasil. As chances de cada um ainda estão vinculadas à classe social, nível educacional, local de origem e a rede migratória à qual se conectam. A localização, o pertencimento à cidade, as opções de trabalho e lazer, estão limitados pela posição social. Brasileiros sem documentação, de classes mais baixas e menos qualificados acabam se fechando em comunidades brasileiras em busca dessa segurança, com redes mais solidárias e coesas, enquanto brasileiros com níveis de educação elevados e classes mais altas fazem o movimento contrário, integrando-se cada vez mais à sociedade americana, e, consequentemente, menos unidos e colaborativos entre seus pares.

Se formos observar as tendências nesse fluxo migratório, podemos constatar que em tempos de crise no Brasil – como a ocorrida nos anos 1990 – a migração tende a ser de classes mais altas e de pessoas com melhores níveis educacionais. Com o crescimento econômico e maior estabilidade no país, ocorreu uma maior diversificação das classes sociais, com níveis educacionais mais baixos, e uma ampliação dos locais de origem, incluindo brasileiros de regiões rurais. Mas a migração brasileira para o Estados Unidos permaneceu ainda caracterizada por uma classe mais alta e mais educada do que a média da população brasileira, do que a população de latinos e até do que os próprios americanos. E mesmo que em 2013 a situação fosse menos favorável aos imigrantes do que quando Margolis realizou sua pesquisa há duas décadas atrás, os brasileiros costumam avaliar a sua experiência como positiva, mesmo que tenham que passar de advogada a empregada doméstica ou de comerciante a lavador de pratos. Mesmo aqueles não documentados, declaram-se positivamente surpresos com a sociedade americana e se consideram portadores de direitos em suas vidas diárias, chegando a experimentar uma dimensão da cidadania que desconheciam ou não praticavam no Brasil. Os brasileiros sentem-se respeitados e prezam por aspectos como segurança e poder de consumo. Há, ainda, na migração para os Estados Unidos (e principalmente para Nova York) um glamour, uma supervalorização decorrente da influência cultural americana no Brasil e no mundo, que é alimentada tanto por aqueles que partem como também pelos que ficam no Brasil. Dessa forma, o próprio ato em si de viver nos Estados Unidos já é tido como ascensão social. Mas os brasileiros ainda precisam se adequar às classificações étnicas do sistema americano e o fazem de forma instrumental, de acordo com seus interesses. E dentro dessas dinâmicas internas, ainda confusas, acabam permanecendo invisíveis para as instituições americanas: ainda são confundidos com hispânicos, são associados a imagens exóticas ligadas ao “samba, mulata e futebol” e ainda não conseguem ser diferenciados pelo censo americano, o que acaba levando à pouca disponibilidade de recursos e investimentos que possibilitem maior inclusão. Ao analisar as causas, pode-se perceber que estão ainda associadas à falta de coesão da comunidade e a uma queixa recorrente de falta de solidariedade que, embora muitas vezes não se efetive na prática, demonstra uma falta de interesse em se considerarem como unidade.

Apesar de não fazerem parte do grupo mais visado pelas autoridades americanas, os brasileiros também sofreram as consequências das medidas de segurança pós ataques de 11 de setembro, considerado como um marco na produção de novas significações para

os movimentos migratórios em todo o mundo, através da culpabilização dos imigrantes como suspeitos ou responsáveis pela insegurança social e política das sociedades desenvolvidas. Esse marco na criminalização dos imigrantes, segundo Póvoa Neto (2005), ocorreu num duplo sentido: tanto na busca de suspeitos ou culpados de ameaçar a ordem pública, principalmente entre imigrantes, estrangeiros e minorias étnicas; como também no avanço notável e acelerado das tentativas de criminalizar a própria condição migrante (SANTOS, 2007). Conseqüentemente, notamos a diminuição da comunidade de brasileiros em situação irregular, vide o fechamento cada vez maior das fronteiras, aumento da fiscalização e a tendência mundial de uma onda de crescimento de partidos de extrema direita que defendem programas contrários aos direitos dos imigrantes.

Finalmente, os brasileiros têm se demonstrado pessimistas quanto à chegada de novos imigrantes brasileiros e, portanto, de novos concorrentes, devido às dificuldades que têm enfrentado e observado na região metropolitana de Nova York. Parece que depois de um período de grande instabilidade, o mercado vem se reestabelecendo aos poucos, mas dificilmente será – pelo menos nos próximos anos – tão promissor quanto para aqueles que chegavam há duas décadas atrás e em pouco tempo conseguiam mandar dinheiro para a família, comprar casas e investir no Brasil – mesmo com a recente valorização do dólar.

Vimos, portanto, que esse fluxo migratório está inserido no amplo debate entre a tensão entre os benefícios econômicos e demográficos da imigração – já que estes têm sido comprovados por uma ampla variedade de estudos de diversas áreas diferentes nas últimas décadas – e um debate populista anti-imigração que vem ganhando força mundialmente (e ainda mais atualmente sob a gestão Donald Trump – Jair Bolsonaro). O deslocamento de pessoas ao redor do mundo está presente cotidianamente nas capas dos jornais, nos noticiários da TV, nas mídias alternativas, nos congressos, nos partidos, nas conversas rotineiras informais, ou seja, existe uma produção simbólica massiva e preocupante em torno dessas pessoas. Compreender quem são e a forma como têm se colocado nas dinâmicas tanto do país de origem como de destino é fundamental para que se possa debater a questão migratória na contramão dessa força estigmatizante e excludente que tem ganhado força recentemente.

Referência Bibliográfica

AMERICAN COMMUNITY SURVEY. Foreign Born Population. Disponível em: https://www.census.gov/newsroom/releases/archives/foreignborn_population/cb10-159.html. Acesso em: 08 ago. 2014.

BUROWAY, M. Revisits: an outline of a theory of reflexive ethnography. *American Sociological Review*, v. 68, October 2003, p. 645-679.

_____. *The extended method case: four countries, four decades, four great transformations, and one theoretical tradition*. Berkeley: University of California Press, 2009.

CANÔNICO, L. Newark, reduto brasileiro em NJ. *G1*, 10 ago. 2010. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/08/newark-reduto-brasileiro-em-nj.html>. Acesso em: 03 set. 2013.

CARVALHO, J. A. M.; CAMPOS M. B. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, 2006.

CASTLES, S.; MILLER, M. *The age of migration: international population movements in the modern world*. Nova York: Palgrave-Macmillan e Guilford, 2009, 338p.

DONATO, K.M.; GABACCIA, D. The global feminization of migration: past, present and future. *Migration Policy Institute*, jun., 2016, Disponível em: http://www.migrationpolicy.org/print/15635#.V1QnU_krLIU. Acesso em: 03 jul.2016.

FAZITO, D.; SOARES, W. Undocumented migration, brokerage and solidarity: an exploratory network analysis of the Brazil US migration system. In: POPULATION AMERICAN ASSOCIATION CONGRESS, New Orleans, USA, 17-20 April, 2008.

HAESBAERT, R. *Viver no limite*. Território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios – Resultados do Universo*. IBGE: Rio de Janeiro, 2011.

LIMA, A. *Brasileiros na América*. Boston, 2009 (publicado pelo próprio autor).

LOPEZ, G; RADFORD, J. Facts on U.S. immigrants. *Pew Research Center*, 3 mai. 2017. Disponível em: <http://www.pewhispanic.org/2017/05/03/facts-on-u-s-immigrants-trend-data/>. Acesso em: 10 mai. 2018.

MASSEY, D. S. et al. *Worlds in motion: understanding international migration at the end of millennium*. Oxford: Clarendon Press, 1998, 362p.

MARGOLIS, M. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994, 452 p.

_____. *Goodbye, Brazil: emigrés from the land of soccer and samba*. Madison: University of Wisconsin Press, 2013, 302p.

MARS, A. A desigualdade racha Nova York em duas. *El País Brasil*, 03 jan. 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/02/internacional/1451775291_943339.html. Acesso em: 06 mar. 2016.

MANTOVANI, F. Americano ensina turista brasileiro a não ser um “babaca” em Nova York”. *G1*, 14 out. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/10/americano-da-dicas-de-como-turista-brasileiro-deve-agir-em-nova-york.html>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MENEZES, F. Z. Pesquisa indica que pelo menos 15 dos 55 bairros de Nova York tiveram gentrificação. *Gazeta do Povo*, 16 mai. 2016. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/pesquisa-indica-que-pelo-menos-15-dos-55-bairros-de-nova-york-tiveram-gentrificacao-6uvbem2x0aa0msgmdrh4xkz2c>. Acesso em: 18 mai. 2016.

PORTES, A. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, Alejandro (Ed.). *The economy sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation, p. 1-41, 1995.

RIKER, D; VILA-GOULDING J. The Boom in Brazilians Traveling to the United States. *Journal of International Commerce and Economics*, January 2013.

ROMAN, C. Brazilian Center Struggles to Survive. *Arquivos Columbia*, 10 jan. 2010. Disponível em: <http://archives.jrn.columbia.edu/2010-2011/newyorktorch.jrn.columbia.edu/indexd20a.html?p=1332>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SANTOS, F. A Brazilian Outpost in Westchester County. *New York Times*, 26 jun. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/06/26/nyregion/26brazil.html>. Acesso em: 06 set. 2013.

SANTOS, G. A. *Estados, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos*. Tese de Doutorado. UFSC: Florianópolis, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. Território e (des)territorialização. In: M. L. Souza, *Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 77-110, 2013.

Recebido em: 25/06/2018

Aceito em: 5/11/2018

¹ O sociólogo britânico Michael Burawoy traz em seu livro *The Extended Case Method* (2009) uma proposta de uma etnografia reflexiva que transcende oposições convencionais, colocando em diálogo participante e observador, micro e macro contextos, história e sociologia, tradição teórica e pesquisa empírica. Sua proposta se baseia em quatro principais ampliações: a ampliação do observador na vida dos participantes estudados; a ampliação das observações no tempo e espaço; a ampliação de microprocessos para macroforças e, finalmente e mais importante, a ampliação teórica. Basicamente, busca mostrar como as experiências dos indivíduos em qualquer conjunto de microprocessos refletem a estrutura social na qual eles estão inseridos. Seu objetivo principal é reforçar a importância das forças externas para consolidar o interesse histórico dentro da sociologia-como-etnografia, a transportando de um passado inconsciente para um mundo historicizado. Esta pesquisa foi publicada na tese *Brasileiros em Nova York: Uma Etnografia Revisitada (1994-2014)*, defendida em 2016 através do Departamento de Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos

da Universidade do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Outros capítulos contemplam aspectos referentes à motivação para emigrar e os processos de adaptação, integração e engajamento comunitário; mundo do trabalho; retorno; segunda geração; e os paradoxos contemporâneos da mobilidade; que ampliam e complementam o entendimento sobre a caracterização desses brasileiros em Nova York.

² www.fashionspill.com

³ Eu mesma aluguei um quarto na casa de uma alemã que morava há 33 anos em Nova York, na rua 158 Oeste, em Washington Heights, um bairro depois do Harlem, onde havia uma grande parte dos moradores da República Dominicana e onde podia-se ouvir espanhol com frequência nas ruas e estabelecimentos comerciais. A mulher que alugou o quarto me contou que sempre morou em bairros nobres de Manhattan, mas que recentemente havia se separado e por isso teve que se mudar e alugar um quarto para estudantes. Seu filho único dormia na sala enquanto eu dormia no maior quarto da casa pelo valor de 1.200 dólares mensais. De acordo com Menezes (2016), pelo menos 15 dos 55 bairros de Nova York tiveram gentrificação.